

Para uma Psicologia Educacional da Libertação: Contribuições de Ignacio Martín-Baró e sua obra

Nilson Berenchtein Netto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Brasil
nettoberenchtein@gmail.com

Em grande parte de sua obra, Ignacio Martín-Baró trata sobre a educação, em seus diversos aspectos, desde a educação formal, institucionalizada na escola, até a educação informal, feita em espaços não convencionais, mas nem por isso, com menos possibilidades desideologizadoras; trata sobre seus diversos níveis, desde a educação infantil, até a universitária ou de jovens e adultos. Nos trabalhos consultados para a elaboração desse mapeamento das discussões educacionais tecidas por Martín-Baró, o autor refere-se tanto a aspectos negativos, denunciando o papel da escola na acentuação das diferenças de classes ao invés de democratizar o mais desenvolvido dentre o conhecimento humanamente construído e acumulado historicamente pelas gerações antecedentes. Nesse sentido, demonstrando e, inclusive, sendo para as crianças uma representação do fracasso de seus esforços para superar suas condições objetivas e subjetivas de pobreza e exploração, contribuindo para o estabelecimento da 'síndrome fatalista' que alcança e estereotipa os povos latinos, ao invés de possibilitar a construção de instrumentos contra-hegemônicos para a luta classista e a libertação dos povos oprimidos.

O psicólogo salvadoreño reconhece na escola seu papel socializador, mas uma socialização fatalista, feita a partir dos interesses e da ideologia das classes dominantes que agigantam as diferenças classistas e a opressão, construindo em alguns, a identidade de exploradores e, em outros, de explorados, impondo os modelos sociais de bom, valioso e natural que sirvam para descrever as classes dominantes, sua etnia, sua língua, seus valores, gostos e desejos. Invariavelmente Martín-Baró busca na realidade concreta dos povos latinos os elementos para suas denúncias e críticas, mas não se basta nelas, apontando caminhos para a libertação dos povos oprimidos a partir de uma transformação, não menos que radical, da sociedade, que implicam na superação do capitalismo e do (neo)liberalismo, no combate ao imperialismo. Não se limita às relações de dominação imediatas em uma única sociedade, mas nas relações colonialistas entre nações, fazendo com que os indivíduos sejam duplamente explorados. Nesse sentido, aponta o papel do psicólogo, do professor e do educador em aspecto mais amplo – três papéis que desempenhou com afinco em sua vida – no compromisso com a conscientização das maiorias populares, tendo em vista sua organização para a tomada de decisões e do poder das rédeas de suas histórias.